

Rui Centeno
 1990.5.12
 2854
 91-12

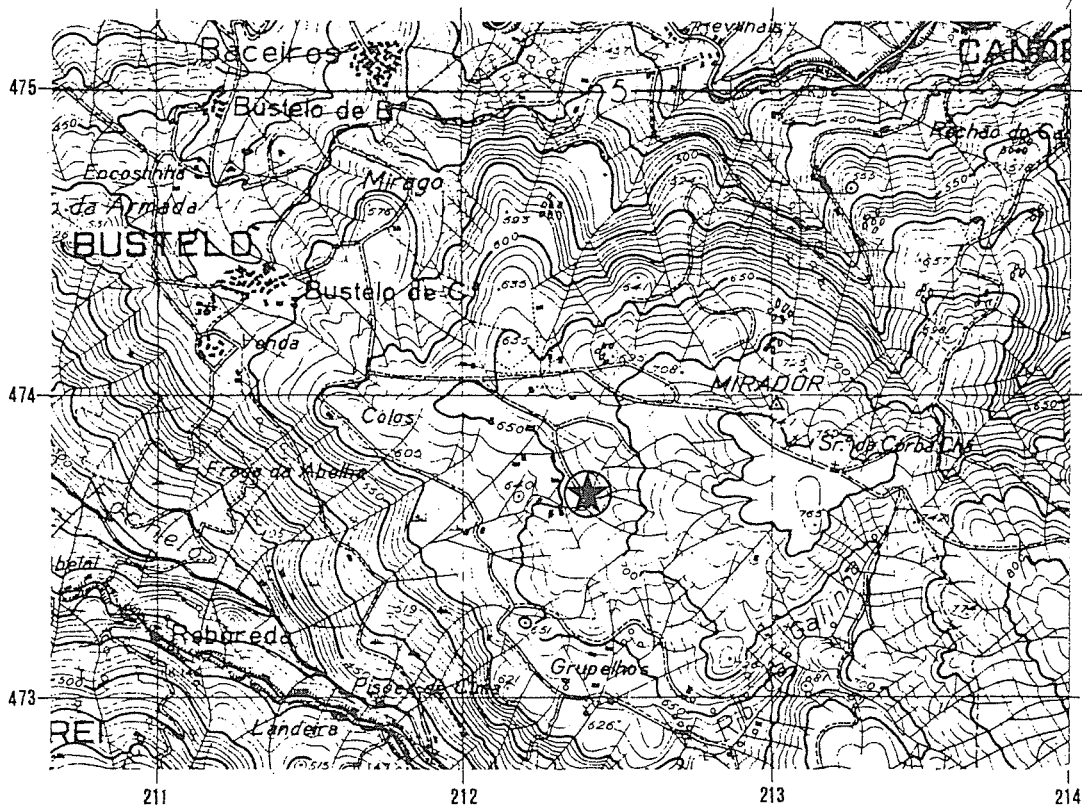


FIG. I

UM CONJUNTO
 DE
 MOEDAS ROMANAS
 DE
 VALINHO
 (BOSTELO, AMARANTE):
 TESOURO
 OU
 DEPÓSITO FUNERÁRIO?

Rui M. S. Centeno
 Faculdade de Letras do Porto

O achado monetário de Valinho⁽¹⁾ aparece referenciado, pela primeira vez, por M. de Castro Hipólito⁽²⁾ que reproduziu no seu trabalho parte de uma notícia publicada no *Jornal de Notícias*, em 23 de Outubro de 1955, onde se diz que, quando se partia um grande bloco de pedra “na propriedade do Balinho (sic) [...], pertencente ao sr. Alfredo Pereira”, foi descoberto “a dois metros de profundidade um pequeno púcaro de barro contendo 74 moedas em bronze [...] possivelmente da época de Constantino”⁽³⁾.
 Esta não é, todavia, a única notícia aparecida na imprensa diária sobre o achado, já que um outro matutino portuense, *O Comércio do Porto*, publicou no mesmo dia uma nota do mesmo teor, mas com um dado novo relativamente à data da descoberta

que, segundo o jornal, teria acontecido no mês de Setembro⁽⁴⁾. Tal data para o evento é comprovada por uma primeira notícia publicada neste mesmo jornal, em 28 de Setembro de 1955, onde se designa correctamente o lugar do achado — Valinho e não Balinho que apareceria nas notícias redigidas posteriormente — e se fornecem informações importantes acerca da descoberta, que passamos a transcrever: “foram encontrados três vasos, contendo cerca de setenta moedas [...]. Após o exame minucioso às mesmas verificou-se que umas eram da época do Imperador Valeriano [...] e outras do Imperador Galieno”⁽⁵⁾.
 Estas notícias acerca do nosso conjunto monetário parecem não condizer totalmente mas, como veremos, elas complementam-



-se. No referente às moedas que constituíam o depósito, podemos avançar que, entre os 68 exemplares que nos foram proporcionados para estudo, se encontram peças de Gallienus e de Constantinus I, mencionadas nas notícias de *O Comércio do Porto* (6) e do *Jornal de Notícias* (7), respectivamente; apenas não vimos qualquer exemplar de Valerianus (I e/ou II),

mas não se deve excluir a probabilidade da sua presença entre as 6 peças que completavam o conjunto e que não tivemos a oportunidade de examinar.

Observemos no quadro seguinte a distribuição das moedas por reinados e casas de moeda:

	Tr	Lug	Ar	R	Med	Th	C	H	Cyz	Ant	Al	?	Total	%
Domitianus				1									1	
sécs. I/II(?)												1	1	2.94
Gallienus				23	2								25	
Claudius II				8							1		9	
Quintillus				1									1	57.35
Aurelianus				1	1								2	
Maximianus I		1		1									2	
Licinius I	1												1	
Constantinus I	1			2			2			1			6	
Constantius II e Constans (337-50)	1	1				1						4	7	
? (335-40)												3	3	39.71
Magnentius	1												1	
Constantius II (350-61)			1			1		2	1		1	3	9	
Total	4	2	1	37	3	2	2	2	1	1	1	12	68	

Para um conjunto que termina com moedas dos últimos anos do reinado de Constantius II (ver Catálogo, ex. nº 62 e 68, emitidos entre 357/8 e 361), temos de admitir que a sua composição está longe dos padrões habituais conhecidos para a generalidade dos tesouros do século IV, dada a forte representação de numerário do século III, com uma percentagem próxima dos 58% do total das moedas. É sabido que o aparecimento de numismas dos séculos I-II e sobretudo do século III é frequente em tesouros deste período, só que em quantidades pouco significativas(8); raros são os depósitos baixo-imperiais com uma tão elevada percentagem de exemplares dos séculos anteriores, estando nesta situação, talvez, o do Monte da Lapeira, com 4 ex. dos séculos I e II num total de 16 até ao ano 329(9) e o de Hernán-Pérez, com 14 ex. do século III num total de 26 onde o mais recente data de 356-58(10). Todavia, devemos ter em atenção que as moedas do Monte da Lapeira, aparecidas conjuntamente com outros vasos para além do seu recipiente, pertenceriam ao espólio de uma sepultura do segundo quartel do século IV(11). Tal facto leva-nos a pensar que a identificação de conjuntos monetários de sepulturas como tesouros poderá ser mais frequente na literatura numismática do que seria de esperar, situação particularmente pertinente quando as informações sobre o contexto arqueológico em que ocorreu um achado, são muito deficientes ou nulas(12). Haverá, pois, necessidade de um cuidado especial na interpretação como tesouros de alguns conjuntos monetários que terminam com

exemplares do século IV, principalmente se integrarem um número não muito grande de numismas(13), se a sua estrutura apresentar “anomalias” significativas em relação ao que se conhece dos tesouros do século IV e, como já foi dito, se as informações sobre as circunstâncias que rodearam o achado, forem pouco explícitas ou inexistentes.

Os depósitos de Hernán-Pérez e de Valinho poderão estar, eventualmente, nesta situação. Em relação ao último conjunto, esta hipótese ganha alguma consistência na probabilidade de se terem encontrado, juntamente com as moedas, três vasos e não um só, como até hoje se supunha, a acreditar na notícia, já citada, publicada em *O Comércio do Porto* no dia 28 de Setembro de 1955. Sendo remota a possibilidade de estarmos em presença de um tesouro múltiplo, dado que este tipo de achado inclui normalmente uma grande quantidade de peças(14), será portanto admissível, ainda que com reservas, considerar as moedas de Valinho como parte integrante do espólio de uma sepultura, impressão que se confirmará, ou não, com a realização de trabalhos de investigação arqueológica no local da descoberta.

Com esta interpretação será mais fácil explicar a composição do nosso conjunto monetário e de outros depósitos tardioromanos com características similares. Quando a partir dos inícios do século IV, a crer nos dados fornecidos pela necrópole de Montes Novos(15), o tradicional óbolo de Caronte foi substituído pela deposição de um número variável de moedas nas sepulturas — este fenómeno poderá estar



relacionado (ou pelo menos é contemporâneo) com uma alteração importante no ritual funerário romano, traduzida na generalização da inumação e no gradual abandono da incineração —⁽¹⁶⁾ seria natural que se enterrassem com o defunto, preferentemente, as peças mais degradadas (isto é, que já tinham uma longa circulação) justificando-se deste modo a presença de quantidades consideráveis de numerário antigo em algumas sepulturas do século IV. Para os tempos posteriores, não dispomos de informações seguras que nos permitam avaliar da persistência, ou não, deste costume⁽¹⁷⁾, mas não devemos esquecer que a invasão dos povos germânicos no século V provocou um corte no abastecimento de moeda à Hispânia e uma conseqüente penúria de numerário, que poderá ter afectado negativamente este ritual.



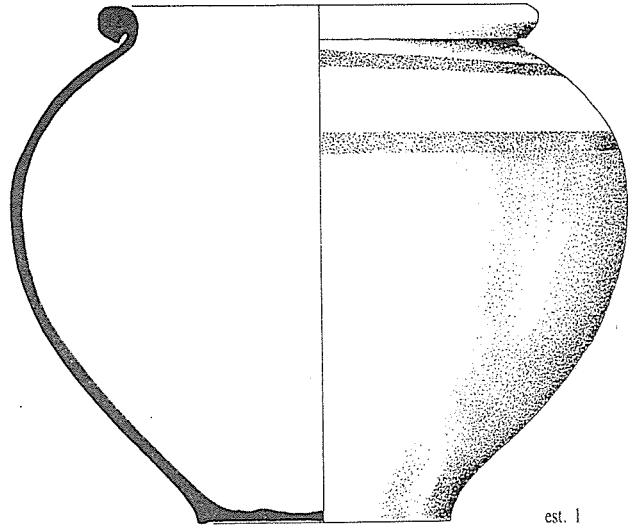
Esc. 2:3

APÊNDICE

O recipiente das moedas

Dos três vasos presumivelmente descobertos, apenas tivemos oportunidade de examinar um que, pelos vestígios de corrosão de bronze aparentes no interior, conteve parte ou a totalidade das moedas. Eis a sua descrição (est. I):

— pote com fundo raso, bojo ovóide, bordo revirado para fora, arqueado e descaído na ponta; pasta castanho-avermelhada (Cailleux N55)⁽¹⁸⁾, fina com minúsculas partículas de mica e grãos de calcite e quartzo, alguns de grande calibre; ombro decorado por três bandas pintadas, uma amarelo-pálida (Cailleux M75), ladeada por duas, mais estreitas, castanho-avermelhadas (Cailleux R33). Diâmetro máximo 129 mm; altura 109 mm.



est. I

- (1) Este lugar situa-se entre a igreja de Bostelo e o lugar de Corva Chã, freguesia de Bostelo, concelho de Amarante, distrito do Porto, tendo como coordenadas quilométricas Gauss (segundo a Carta Militar de Portugal, esc. 1:25000, folha 113, Lisboa, 1944): M=212,4; P=473,7 (vide fig. 1).
- (2) M. de Castro Hipólito, "Dos tesouros de moedas romanas em Portugal", *Conimbriga*, II-III, 1960-61, p. 46, n.º 53. Este depósito foi posteriormente incluído no inventário de I. Pereira, J.-P. Bost e J. Hiernard, *Fouilles de Conimbriga, III. Les monnaies*, Paris, 1974, p. 307, n.º 51.
- (3) "Um púcaro com moedas romanas foi achado numa propriedade de Bustelo, Amarante", *Jornal de Notícias*, Porto, 23 de Outubro de 1955 (a notícia é acompanhada de uma fotografia do recipiente e de 72 moedas).
- (4) "Importante achado de moedas antigas numa boca de Bustelo, em Amarante", *O Comércio do Porto*, 23 de Outubro de 1955 (a notícia é proveniente de Amarante e datada do dia 22).
- (5) "Quando se quebrava um bloco de pedra foram achadas numerosas moedas na freguesia de Bustelo, em Amarante", *O Comércio do Porto*, 28 de Setembro de 1955 (a notícia é proveniente de Amarante e datada do dia 26).
- (6) Cf. nota anterior.
- (7) Cf. nota 3.
- (8) Veja-se, por exemplo, I. Pereira et alii, *op. cit.*, quadro entre as p. 305-6 (para a Hispânia) e J.-P. Callu "Rôle et distribution des espèces de bronze de 348-392", in *Imperial revenue, expenditure and monetary policy in the fourth century A.D.*, ed. C.E. King, (BAR, Int. S., 76), Oxford, 1980, quadro 7 nas p. 69-72 (para todo o Império).
- (9) Freguesia de Várzea do Douro, concelho de Marco de Canaveses. Cf. F. Lanhas e D. Pinho Brandão, "Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico (parcela 135-2)", *Revista de Etnografia*, VIII-1 (15), 1967, p. 54-5; também I. Pereira et alii, *op. cit.*, p. 307, n.º 52 e J.-P. Callu, *Inventaire des trésors de bronze constantiniens (313-348)*, (Numismatique Romaine, Essais, Recherches et Documents, XII), Wetteren, 1981, p. 47, n.º III, 1.º. De um tipo similar poderia ser o conjunto de 10 ou 12 moedas encontrado, dentro de um vaso, no Castro Lupario ou de Francos, concelhos de Rois-Brion, província de A Coruña; entre as 5 peças estudadas — a mais recente é de 330-35 — havia uma de Antioquia, de 87 a.C., e um *sestertius* de Crispina (cf. F. Acuña Castroviejo e M. Cavada Nieto, "Noticias arqueológico-numismáticas del Castro Lupario (Rois-Brion, La Coruña)", *Cuadernos de Estudios Gallegos*, XXVI, 80, 1971, p. 274-71. I. Pereira et alii, *op. cit.*, p. 308, n.º 85 e R.M.S. Centeno, *Circulación monetária no Noroeste de Hispânia até 192*, (Anexos Nummus, n.º 1), Porto, 1987, p. 189).

- (10) Província de Cáceres. Os dados referentes a este achado, ainda inédito, foram-nos gentilmente facilitados, em 30 de Novembro de 1986, por Jean-Pierre Bost, a quem manifestamos o nosso agradecimento.
- (11) F. Lanhas e D. Pinho Brandão, *op. cit.*, p. 54, dizem que será uma sepultura de incineração, mas a sua cronologia parece apontar antes para uma sepultura de inumação. I. Pereira et alii, *op. cit.* e J.-P. Callu, *op. cit.*, consideraram este conjunto conjun simple tesouro, ignorando as informações, já citadas, de F. Lanhas e D. Pinho Brandão.
- (12) A isto podemos acrescentar, por exemplo, a utilização incorrecta de dados publicados originalmente sobre diversos achados monetários. Caso exemplar é o do conjunto de 16 moedas, de Gallienus a Delmatius, pertencente ao espólio de uma sepultura de inumação da necrópole de Vila Verde (Bagunte, Vila do Conde), estudada por R. Severo, "Necrópoles lusitano-romanas de inumação", *Portugalia*, II, 1905-1908, p.426-29. F. Mateu y Llopiés, em "Hallazgos monetarios (XII)", *Numario Hispánico*, IV, 7, 1955, n.º 784, regista este conjunto como proveniente da região de Viseu(!), da seguinte forma: "Platos con monedas imperiales de bronce de 253 a 337", portanto, sem qualquer referência à natureza do achado, apesar de na obra que lhe serviu de fonte, de F. Russell Cortez, *Da "Terra Sijillana" tardia encontrada em Portugal*, Viseu, 1951, p. 49 (separata de *Beira Alta*, X, 1-2, 1951, p. 3-70), se dizer que as 16 moedas procedem de uma sepultura. Daqui resultou que no trabalho de I. Pereira et alii, *op. cit.*, p. 307, n.º 36, estas moedas apareçam registadas como um tesouro descoberto no distrito de Viseu, dado que apenas se utilizou como referência a notícia de Mateu y Llopiés.
- (13) O estudo que presentemente estamos a efectuar das moedas procedentes da necrópole de Montes Novos (Penafiel, Porto), já com mais de 100 sepulturas escavadas, mostra ser muito frequente, nas sepulturas do século IV, o enterramento de um número considerável de moedas que, no entanto, nunca ultrapassa os 100 exemplares; as moedas aparecem muitas vezes espalhadas pela sepultura e/ou dentro de um ou mais recipientes.
- (14) Sobre este assunto, cf. J.-P. Callu, "Chachettes monétaires multiples (III^e-IV^e s.)", *Studien zu Fundmünzen der Antike*, I, Berlin, 1979, p. 5-16.
- (15) Vide nota 13.
- (16) Em todas as sepulturas até ao século III, presumivelmente de incineração, desta necrópole, apenas se encontrou uma moeda em cada, em concordância com o ritual funerário greco-romano (sobre os ritos funerários romanos, cf. J.M.C. Toynbee, *Death and burial in the Roman World*, Londres, 1971, p. 43-64; para o período tardioromano e ali-mediaval, é útil a síntese de M.J. Barroca, *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (séculos V a XV)*, Porto, 1987 (edição poliopticada), p. 7-36).
- (17) As necrópoles de Entre-Douro-e-Minho foram estudadas por M.J. Barroca, *op. cit.*, p. 37-96.
- (18) A. Cailleux, *Code des couleurs des sols*, Paris, s.d.



CATÁLOGO DAS MOEDAS

- Na descrição das 68 moedas foram utilizados, para os aversos, os códigos de legendas e de efigies constantes nos correspondentes volumes de *RIC*; para os reversos, limitámo-nos a transcrever as legendas, apenas se referenciando o tipo nos casos em que, sob o mesmo número de *RIC*, existem variantes.
- Os pesos que aparecem em itálico identificam as moedas fragmentadas.
- Não são ilustrados os exemplares n.ºs 2, 21, 25, 30, 36, 37, 54, 67 e 68.

Abreviaturas bibliográficas

Cunetio E. Besly e R. Bland, *The Cunetio Treasure. Roman coinage of the third century AD*, Londres, 1983.

RIC H. Mattingly, E. A. Sydenham *et alii*, *The Roman Imperial Coinage*, vols. II, V (partes I-II), VII, VIII, Londres, 1926-1981.

Outras abreviaturas

Ant *antoninianus*

As *asse*

Aur *aurelianus*

N *nummus*

DOMITIANUS

Roma, 72-96

- | | | | |
|-----------------------|--|------|---|
| 1. <i>As</i> Ilegível | Ilegível | | |
| Cab. laur. à dir. | Figura feminina de pé com cornucópia na mão esq. | 6.99 | — |

IMPERADOR INDETERMINADO (SÉCS. I-II?)

- | | | | |
|---|--|------|---|
| 2. <i>As</i> , Anv. e Rev. completamente apagados | | 4.60 | — |
|---|--|------|---|

GALLIENUS

Roma, 2ª série, 261

- | | | | |
|-------------------------|-----------------------|------------------|--|
| 3. <i>Ant</i> , 8F | VIRTVS AVG _ P | 2.79 | <i>RIC</i> 317 |
| 4-5. <i>Ant</i> , 8K; F | PAX AVG _ V | 3.14; 1.71 | Cf. <i>RIC</i> 256; <i>Cunetio</i> 963 e 965 |
| 3ª série, 263 | | | |
| 6. <i>Ant</i> , 8F | PROVID AVG | 3,81 | Cf. <i>RIC</i> 270; <i>Cunetio</i> 1018 |
| 5ª série, 266 | | | |
| 7-8. <i>Ant</i> , 8K | MARTI PACIFERO A | 2.71; 2.50 | <i>RIC</i> 236 |
| 9. <i>Ant</i> , 5K | PAX AETERNA AVG _ Δ | 2.21 | Cf. <i>RIC</i> 252; <i>Cunetio</i> 1182 |
| 10. <i>Ant</i> , 8K | VBERITAS AVG _ E | 1.85 | Cf. <i>RIC</i> 287; <i>Cunetio</i> 1200 |
| 11-12. <i>Ant</i> , 8K | ORIENS AVG | 2.28; 1.74 | <i>RIC</i> 249 |
| 6ª série, 267-8 | | | |
| 13-15. <i>Ant</i> , 8K | SOLI CONS AVG ¯ | 2.83; 2.44; 1.54 | <i>RIC</i> 283 |
| 16. <i>Ant</i> , 5K | APOLLINI CONS AVG ¯ | 2.39 | <i>RIC</i> 165 |
| | Grifo andando à esq. | | |
| 17. <i>Ant</i> , 8K | <i>Idem</i> | 2.65 | <i>RIC</i> 166 |
| 18-19. <i>Ant</i> , 5K | DIANAE CONS AVG ¯ | 3.58; 2.96 | <i>RIC</i> 176 |
| | Corça à dir. | | |
| 20-22. <i>Ant</i> , 8K | <i>Idem</i> | 2.73; 2.14; 1.92 | <i>RIC</i> 177 |